

JESUS DOMINANDO O MAR: ESPERANÇA EM MEIO À TRAGÉDIA NO EVANGELHO DE MARCOS*

*Marcelo da Silva Carneiro***

Resumo

Esse artigo procura mostrar como o Evangelho de Marcos contém uma mensagem profunda sobre a realidade social e política na qual viviam os cristãos da Palestina no século 1 dC. Diante da dominação violenta do Império Romano, e das desigualdades criadas por um sistema injusto, a mensagem do Evangelho produz esperança para as comunidades que sofriam debaixo dessa política. Como chave de leitura está a menção ao mar, símbolo do poderio marítimo do Império Romano, na seção de 4,1–6,54, em que os textos mostram Jesus sentando sobre o mar, dominando-o, afogando nele uma legião e andando sobre ele. Assim, o Evangelho alimenta a esperança da vitória da vida sobre a morte.

Palavras-chave: *Evangelho de Marcos. Império Romano. Mare Nostrum. Esperança.*

Abstract

This article shows how the Gospel of Mark contains a profound message about the political and social environment within the Palestinian Christians lived in 1st Century A.D. Given the Roman Imperial violent domination, and the inequalities created by an unjust system, the Gospel message produces hope to communities that suffer under such politics. As reading key is to mention the sea, symbol of Roman Imperial maritime power, at the 4,1–6,54 section, wherein the text shows Jesus sitting on the sea, dominating it, drowning it a legion and walking on it. Thus, the Gospel gives hope of the victory of life over death.

Keywords: *Gospel of Mark. Roman Empire. Mare Nostrum. Hope.*

* Esse tema foi desenvolvido a partir das aulas sobre Novo Testamento, ministradas em conjunto com o prof. Paulo Roberto Garcia na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, na UMESP, em 2011.

** Doutor em Ciências da Religião pela UMESP, Mestre em Teologia pela PUC-Rio, Teólogo Metodista.

1. Introdução: as tragédias necessitam de resposta

Como qualificar uma tragédia? Pelo número de mortos em eventos de larga escala? Ou pelas mudanças na estrutura da sociedade que acontecimentos inesperados produzem? Tragédias podem acontecer longe – como no caso dos ataques israelenses na faixa de Gaza – ou perto – as muitas mortes de jovens negros nas periferias brasileiras – e se não afetam tanto nossa vida, modificam trágica e radicalmente a vida de outras pessoas, que estão no meio dessas situações. Em meio a essa realidade de dor e desesperança, cabe perguntar se é possível ter esperança.

A leitura dos evangelhos como sinal de esperança num mundo de morte tem sido efetiva e recorrente na América Latina, como forma de contrapor à dura realidade do nosso mundo violento. A começar pelo Evangelho de Marcos, o primeiro Evangelho canônico a ser escrito, que em todo tempo quer indicar aos seus leitores/ouvintes que a vinda de Jesus representa uma mudança na ordem das coisas, a superação dos poderes da morte e da opressão pelo poder do amor e da vida que vem de Deus. Neste artigo, desejamos apontar de que maneira Marcos faz isso, a partir de uma leitura que supere a “espiritualização” do texto bíblico e que acaba por levar a uma alienação da realidade. A dimensão espiritual está mais do que presente no texto, mas engajada, envolvida na vida cotidiana, procurando dar resposta à tragédia vivida por um povo que experimentou cinza e derramou sangue diante da sede imperial romana. Através dessa leitura é possível perceber que as tragédias de hoje, especialmente movidas pelas desigualdades sociais, pela discriminação racial, sexual e étnica, pelo machismo violento e pela insensibilidade para com crianças e idosos em situação de vulnerabilidade social, também podem encontrar resposta nas páginas dessa poderosa mensagem transmitida pelo Evangelho. Mas o que representava o Evangelho nesta realidade que as comunidades cristãs iniciais viveram?

2. Evangelho no contexto do Império Romano

A palavra *evangelho* tem origem grega: originalmente é escrita como *euan-gellion*, sendo composta das palavras *eu* (bom) + *angellion* (mensagem, notícia). Associadas, tinham o peso de anunciar uma boa notícia para todos os povos do império. O império era uma grande unidade em torno da cidade que ficava no seu centro, Roma, no qual o César detinha o poder máximo. Era um “caldeirão” multicultural, onde conviviam diversos povos, línguas, etnias, religiões em torno de um objetivo, ajudar a engrandecer a Cidade Eterna.

Era um império democrático, nos moldes gregos. Para os cidadãos romanos e especialmente os que viviam na cidade de Roma havia uma estrutura política na qual eles tinham representatividade e até espaço para serem eleitos, de acordo com a classe a que pertenciam. O senado, por exemplo, era composto exclusivamente pelos chefes de famílias patrícias (descendentes dos fundadores da cida-

de). Para quem não era cidadão ou era do séquito inferior, tanto em Roma como nas cidades dominadas, não havia tal possibilidade. O que determinava sua existência dentro do império era a fidelidade ao César e ao império, o pagamento de tributos e impostos e nenhuma tentativa de rebelião. Por isso, na contrapartida da perspectiva dos povos, era um império de grande opressão, firmado no princípio da *pax romana*, que na prática significava o medo.

Era nesse contexto que o império se servia de muita propaganda para mostrar ao povo as vantagens de servir ao César com fidelidade. Até porque não servir significava rebelar-se contra ele e neste caso a punição era a morte, em geral por crucificação. A propaganda imperial era feita de diversas maneiras, como monumentos públicos, cultos ao imperador, festivais e desfiles de vitória. Além disso, um mensageiro ia até as praças das cidades, onde ficava o mercado e os espaços administrativos, para anunciar os feitos do imperador, suas vitórias e o avanço do império como um todo. Esse anúncio era chamado de *Evangelho*, e havia na verdade um gênero literário chamado *Bios* – ou biografia – usado para transmitir uma imagem poderosa e vitoriosa do imperador, e que continha o *Evangelho*. Como exemplo, podemos citar Suetônio (70-130 dC), um historiador romano que elaborou diversas biografias de imperadores, sempre exaltando as qualidades de cada um. Esse material era amplamente divulgado no império e servia como poderoso instrumento de dominação da mentalidade popular, porque mostrava a inutilidade de se colocar contra o César, denominado *Kyrios* – Senhor – de todos, e em muitos casos também o título de *Divinus*, indicando uma filiação divina do imperador.

Assim, pode-se afirmar que no contexto do Império Romano *Evangelho* é a propaganda oficial, exaltando a figura do César, e incutindo na mentalidade dos povos dominados o temor e respeito a essa figura e as instituições que garantiam seu governo, em especial as legiões. O exército e o culto ao imperador eram duas fortes instituições que garantiam a unidade do império. A mensagem cristã claramente representou uma quebra nesta dinâmica; Graham Stanton comenta o seguinte sobre a relação entre a mensagem cristã e o culto imperial:

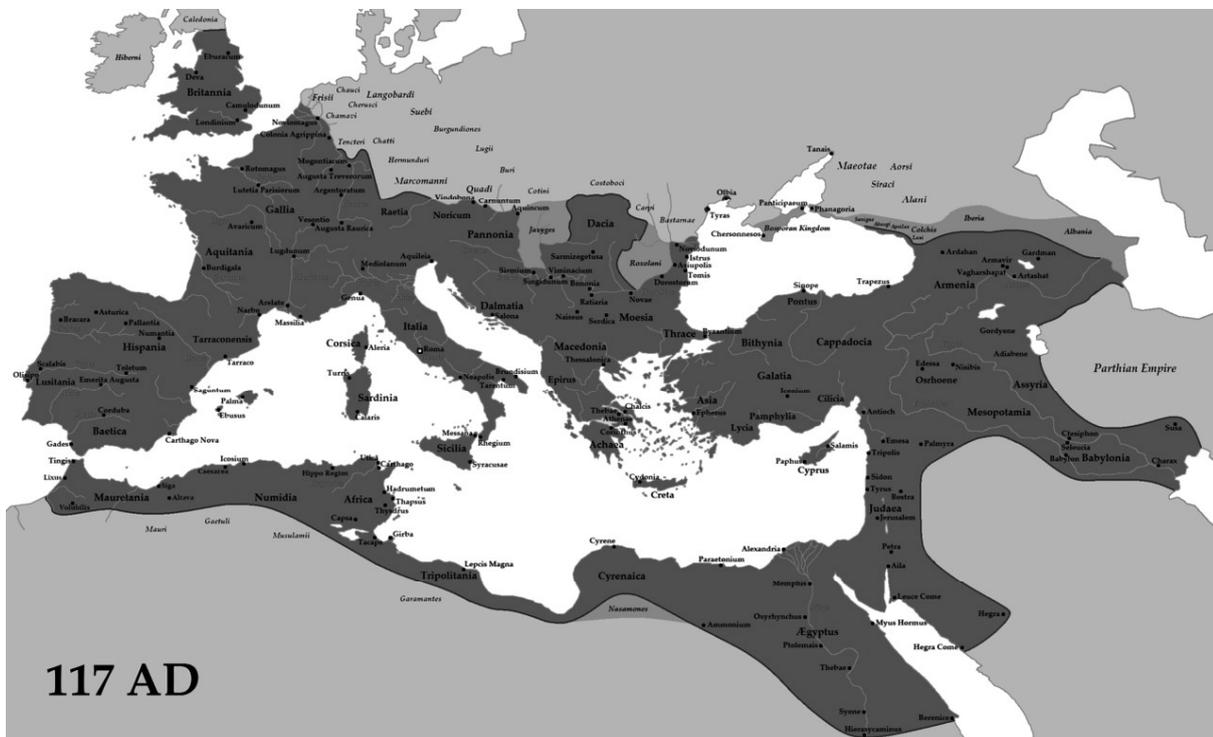
Eu insistirei que, embora o culto imperial não fosse a fonte do uso da palavra pelo Cristianismo antigo, é o pano de fundo contra o qual o uso distintivo cristão era forjado e foi ouvido pela primeira vez. Os cristãos afirmaram que as boas-novas definitivas de Deus sobre Cristo eram para ser diferenciadas das repetitivas boas-novas da Providência sobre o nascimento, ascensão, ou retorno da saúde de imperadores romanos (STANTON, 2002, p. 2, tradução nossa).

E na geografia do império se percebe o elemento mais importante para que essa unidade fosse concreta: o mar Mediterrâneo. Pelo fato da cidade de Roma estar à beira do mar, os romanos desenvolveram uma forte cultura marítima, tanto para comércio quanto para a guerra. As estradas complementavam o conjunto de estruturas de acesso das províncias com a cidade de Roma, para o escoamento

de produção e movimentação de soldados. Mas no mar estava o eixo ideológico da força do Império Romano.

Como se pode ver no mapa o Império Romano circulava o mar Mediterrâneo. A cidade de Roma ficava praticamente no centro dele. Por esse motivo, os romanos comumente denominavam o Mediterrâneo como *Mare Nostrum* (Nosso mar). O domínio do mar pelos romanos significava o seu domínio sobre os povos conquistados, tanto em termos comerciais quanto militares.

Para os povos dominados, especialmente aqueles situados na periferia do império (como no caso da Judeia), isso significava a impotência e falta de esperança numa mudança. O Evangelho de Jesus Cristo, segundo a narrativa de Marcos, anuncia essa esperança contra o mar do Império Romano. Vejamos de que forma isso é apresentado.



Mapa do Império Romano em 117 dC – Fonte: Wikipedia

http://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio_Romano#mediaviewer/File:Roman_Empire_Trajan_117AD.png

3. O tema do mar em Marcos

3.1 O mar na seção de Mc 4,1–6,54

O evangelista Marcos utiliza diversos recursos estilísticos narrativos para apresentar a mensagem de Jesus, o que significa que há no texto possibilidades de leituras em diferentes níveis. O primeiro nível em geral é o do milagre e da mensagem de salvação descrita na narrativa. Outro nível é o das imagens recorrentes,

de termos que se repetem e que carregam sentido figurado, para indicar ao leitor/ouvinte mensagens mais profundas e que necessitam de reflexão.

Quando analisamos a seção de 4,1–6,54 percebemos esse fato: o mar (grego *thalassa*) é citado 12 vezes, enquanto no Evangelho como um todo é citado 19. Isso significa uma grande concentração de referências em apenas três capítulos. Fica ainda mais evidente a intenção específica do autor, quando analisamos o contexto onde o mar é citado nos diferentes textos do Evangelho:

– Do capítulo 1 a 3 o mar é citado 4 vezes. Nas quatro, o sentido é de *localização geográfica*: em 1,16 é citado duas vezes, como “mar da Galileia” onde Simão e André trabalhavam com a rede, lançando-a “ao mar”. Em 2,13 mostra Jesus indo em direção ao mar, e o chamado de Levi. Em 3,7 o mar é citado para contextualizar geograficamente a região por onde Jesus pregou.

– Do capítulo 7 a 16 é citado outras 3 vezes. Em 7,31 é usado também com sentido geográfico, para indicar o avanço do ministério de Jesus. Em 9,42 e 11,23 o mar é indicado metaforicamente, dentro do ensino de Jesus, tanto de forma negativa (“quem fizer tropeçar a um destes pequeninos (...) melhor (...) que fosse lançado no mar”) quanto positiva (“se alguém disser a este monte: ergue-te e lança-te no mar (...) assim será com ele”). Percebe-se a metáfora nesses ditos, com sentido amplo.

Na seção indicada de 4,1–6,52 as menções estão vinculadas às narrativas em diversos níveis de leitura, especialmente em duas em que há milagres e exorcismo, como se verá a seguir:

- 4,1 Introdução ao bloco. Jesus senta no mar
- 4,2-9 – Ensino da parábola das sementes
- 4,10-20 – Explicação da parábola para os discípulos
- 4,21-34 – Ensino de outras parábolas
- 4,35-41 – Jesus enfrenta uma tempestade e acalma o mar
- 5,1-20 – Cura do endemoninhado de Gerasa. Legião afogada no mar
- 5,21-24 – Jairo pede ajuda a Jesus
- 5,25-34 – Uma mulher toca em Jesus para ser curada
- 5,35-43 – A cura da filha de Jairo
- 6,1-6 – Controvérsia na sinagoga de Nazaré
- 6,7-13 – A missão dos Doze
- 6,14-29 – A morte de João Batista
- 6,30-44 – Partilha milagrosa dos pães e peixes
- 6,45-52 – Jesus caminha sobre o mar
- 6,53-54 – Fechamento do bloco. Jesus termina a travessia, retorno a Genesaré.

Nas duas passagens que formam o centro do bloco, o mar é personagem da trama: quando ele acalma o mar, e quando a legião se afoga no mar. Destacamos a seguir os trechos onde a palavra “mar” (*thalassa*) é citada, para que possamos analisar sua função e o que o evangelista deseja comunicar¹:

3.2 *Jesus, o que senta sobre o mar (4,1)*

E de novo voltou (Jesus) a ensinar *junto ao mar*;
e foi reunida até ele uma multidão numerosíssima,
de tal modo que ele tendo embarcado *sentar-se no mar*,
e toda a multidão estava sobre a terra *diante do mar*.

O primeiro trecho da seção mostra Jesus ensinando junto ao mar. Mas o que chama a atenção é a descrição do cenário. Literalmente, o texto diz que Jesus embarcou para dentro de um barco, e que ele senta no mar. Normalmente o texto diria que Jesus sentou-se no barco, provavelmente utilizando o pronome *autô* (nele). Em vez disso, o texto afirma que Jesus entrou no barco para sentar no mar, e passa a ensinar dessa maneira.

Essa imagem de Jesus sentado no mar tem uma função de provocar no ouvinte/leitor de primeira hora uma estranheza e admiração. Ela é colocada sutilmente, dentro da frase, como um código, para que se pudesse afirmar: Jesus senta sobre o mar. Se o mar representa o Império Romano, então Jesus senta sobre o império! O desafio está lançado: a multidão (dos povos dominados) está diante do mar, enquanto Jesus está sentado sobre ele. Seguir a Jesus representa então a possibilidade de superar esse mar que devora todos os povos.

Dessa maneira o ensino de Jesus ganha autoridade; não é simplesmente um mestre falando verdades, mas o ungido que tem poder sobre o mar. Quem pode recusar seu ensino?

3.3 *Jesus, o que domina o mar (4,39.41)*

³⁹ E despertando ele repreendeu ao vento e *disse ao mar*:

Cala-te, silencia-te!

E cessou o vento e tornou-se grande bonança.

(...)

⁴¹ E temeram com grande temor e diziam uns aos outros: Quem então é este que *até o vento e o mar o obedecem?*

1. As passagens foram traduzidas diretamente do grego, de maneira bastante literal, diferindo da maior parte das traduções correntes, especialmente pelo fato de *thalassa* ser traduzido sempre por mar aqui, enquanto encontramos “praia” ou “água” nas demais traduções.

Após os ensinamentos em forma de parábola de 4,2-34, a narrativa mostra Jesus desejando passar para o outro lado do Lago de Genesaré. Inicia-se uma tempestade, mas Jesus dorme, no fundo do barco. Os discípulos o chamam, clamando por misericórdia, até com certa arrogância: “Mestre, não te importa que estejamos perecendo?” Neste momento Jesus se levanta e repreende o vento e fala ao mar para aquietar-se. Aqui temos a primeira de duas narrativas que são as mais importantes da seção inteira, pois temos o mar junto com o vento como personagens da trama. Em sua fúria procuram destruir o barco, fazendo-o afundar. Da parte de Jesus bastou uma palavra de autoridade para acalmar essas forças.

Na história de Jesus no Evangelho de Marcos não se vê nenhum enfrentamento aberto entre ele e os poderes de Roma. Jesus não liderou uma guerrilha, como ocorreu no caso de Judas Galileu, líder de uma revolta no período de Herodes o Grande, por volta do ano 6 aC. Pelo contrário, a pregação de Jesus exalta a não violência e uma aparente submissão às forças de opressão. Provavelmente isso inclusive explica por que os cristãos não se envolveram ativamente na guerra de 66 dC. O que então Marcos quer apontar ao mostrar Jesus ordenando ao mar que se acalme? Seria apenas para demonstrar o poder dele sobre os elementos da natureza?

Considerando o texto do evangelho numa perspectiva político-social, a mensagem que essa passagem traz mostra que a palavra de Jesus – especialmente seu ensino sobre o reino de Deus – supera a fúria de Roma em dominar os povos em seu império. Marcos está declarando para seus ouvintes/leitores que a pregação do Evangelho de Jesus supera a propaganda do César, e torna o império um ambiente mais calmo, onde os cristãos podem viver em paz. Curiosa é a indagação dos discípulos ao fim da narrativa: “Quem então é este que até o vento e o mar o obedecem?” Ao mesmo tempo em que mostra a ignorância deles quanto ao poder de Jesus, aponta para a surpresa pela forma como ele domina o mar. Quem sabe para muitos cristãos novos era difícil reconhecer esse poder diante da situação adversa. Neste sentido, essa narrativa procura alimentar a fé numa superação da realidade, e no reconhecimento da autoridade de Jesus diante do poder romano, que permite alimentar a esperança em dias de calma.

3.4 Jesus, o que destrói a legião no mar (5,13)

E (Jesus) consentiu a eles.

E saindo os espíritos imundos entraram nos porcos,
e lançaram a vara de porcos para o penhasco abaixo *para dentro do mar*,
cerca de dois mil, *e se afogavam no mar*.

A segunda narrativa central do bloco enfoca de forma mais clara os agentes da exploração e violência: o exército romano. Na história, Jesus confronta um endemoninhado em Gerasa, possuído por espíritos altamente violentos e cruéis. Quando perguntado pelo seu nome, o demônio se nomeia em latim (!): *Legião* (gr. *Légion*, palavra latina que não foi traduzida para o grego, apenas colocada nas letras gregas). Ao fazer isso, a narrativa associa os demônios aos soldados romanos. Na Palestina de Jesus havia um grande contingente de soldados romanos, organizados em legiões, que variavam entre mil e oito mil soldados, fortemente treinados e cuja ação era marcada pela brutalidade. No período em que o Evangelho foi escrito, durante a revolta de 66 dC, muitas aldeias da Galileia foram queimadas e destruídas pelas forças romanas, sob o comando de Vespasiano.

Richard Horsley comenta sobre este episódio o seguinte: “Quando o demônio é exorcizado, é possível identificá-lo. O nome dele é Legião. Os ouvintes originais reconheceriam imediatamente que “Legião” referia-se às tropas romanas” (HORSLEY, 2004, p. 106). O confronto aqui é mais claro e direto. Não se trata mais de acalmar, mas de dizimar as forças de opressão. A ordem de Jesus para que os demônios entrem nos porcos e a conseqüente corrida deles para se afogarem no mar tem importantes e poderosos elementos simbólicos inerentes à narrativa. Um deles está na imagem do exército inimigo sendo destruído. Horsley também comenta esse aspecto: “Observe que as imagens ‘precipitando-se no mar’ e ‘afogando-se no mar’ teriam imediatamente evocado lembranças da destruição dos exércitos do faraó em perseguição aos israelitas e ‘afogando-se no mar Vermelho’ quando Deus libertou o povo de Israel” (HORSLEY, 2004, p. 107).

O outro elemento simbólico é o próprio mar, que na narrativa remete ao Mediterrâneo, e não simplesmente ao Lago de Genesaré. Indica que o Império Romano iria afundar em seu próprio projeto violento de poder, o que de fato aconteceu séculos depois.

Desse modo se dá o confronto entre Jesus e as forças de opressão, por meio da autoridade do Senhor da Vida sobre as forças da morte. Mesmo que na vida concreta isso não fosse uma realidade aparente, tendo em vista a necessidade dos cristãos se apartarem da guerra para sobreviver à reação romana, temos aqui algo muito forte: uma mensagem que alimenta na mente deles a esperança de superação desse poder violento, por meio daquele que venceu a morte. Ou seja, mesmo que os romanos matassem os cristãos, eles não seriam de fato vencidos, pois o Senhor deles venceu a morte, e dessa forma venceu o Império Romano.

3.5 *Jesus, o que caminha sobre o mar (6,47-49)*

⁴⁷ E chegando a tarde estava o barco *no meio do mar*, e ele (Jesus) só sobre a terra.

⁴⁸ E vendo-os tendo dificuldade para remar, porque o vento era contrário a eles, por volta da quarta vigília da noite veio até eles *andando sobre o mar* e desejava ultrapassá-los.

⁴⁹ Porém vendo-o *andando sobre o mar* pensaram que era um fantasma, e gritaram:

Por fim, fechando o bloco em que percebemos essa centralidade no tema do *mar*, após algumas histórias de cura que mostram de maneira concreta como Jesus vence a morte, o medo e a opressão sobre o povo simples, além da rejeição de Jesus em Nazaré, a morte de João Batista e a partilha milagrosa de pães e peixes, Marcos narra a história em que Jesus anda sobre o mar para chegar até o barco onde estão os discípulos. Mais uma vez percebemos o medo, a insegurança e a incerteza dos discípulos quanto a Jesus e sua identidade.

De fato, o cenário contextual mostra motivos para essa insegurança: Jesus foi rejeitado pelas pessoas que o conheciam, e um grande líder foi morto, mostrando o quanto os movimentos carismáticos estavam em perigo. Entretanto, o evangelista sabiamente insere após a morte de João Batista a narrativa da partilha milagrosa de pães e peixes, em que Jesus alimenta cinco mil pessoas. A dominação romana gerava também a violência da carestia, da desigualdade de distribuição de alimentos. Nas cidades, as elites judaicas e romanas participavam de ricos banquetes, enquanto os camponeses, aqueles que trabalhavam pra produzir alimento, tinham acesso limitado a ele. Ao realizar a partilha de pães e peixes, Marcos manda uma mensagem: Jesus supera a desigualdade pela solidariedade, apontando para uma comunidade fraterna que vive dentro do reino de Deus. Não há menção ao mar, mas ao sistema romano.

Para fechar o bloco, então, Marcos narra o momento em que Jesus anda sobre o mar. Se ele iniciou o bloco afirmando que ele sentara sobre o mar, agora ele anda. Andar significa avançar, em direção ao centro do império. Se Jesus andava sobre o mar, significa que os pregadores cristãos também avançariam sobre o império. Com essa mensagem, as comunidades enchiam-se de esperança frente ao contexto de opressão e violência, especialmente no contexto da guerra.

4. Conclusão: O Evangelho como contracultura da esperança

Quando lemos o Evangelho de Marcos pensamos nele como a mensagem cristã sobre Jesus, sua vida, paixão e morte, e principalmente sua ressurreição. Esta acepção, apesar de estar correta, não expressa o profundo significado que esse texto gerou na vida de muitas pessoas e comunidades da Galileia e Judeia desde que surgiu, em meados dos anos 60 dC. Principalmente porque nas entrelinhas de seu vigoroso e dinâmico texto está um projeto de vida social, política e religiosa, que considera o mundo no qual a comunidade está mergulhada, e com o qual precisava conviver.

Assim, podemos considerar que o Evangelho de Marcos é mais que um panfleto religioso ou espiritual. Ele responde às angústias de um tempo; tempo este marcado pela opressão, carestia e forte desigualdade social. O contexto da revolta dos judeus iniciada em 66 dC e que resultou na destruição do templo de Jerusalém no ano de 70 dC, certamente afetou as comunidades cristãs da Palestina. A falta de perspectiva diante da possibilidade da morte passa a ser superada pela mensagem de esperança que o Evangelho alimentou para o público de primeira hora. A tragédia da guerra, da destruição de cidades e do próprio templo de Jerusalém, foi superada pela esperança de vitória de Cristo sobre a morte, e a compreensão de que o Império Romano estava abaixo do poder de Deus, e que por isso podia ser vencido, mesmo que os cristãos não usassem a força das armas.

Na proposta do Evangelho de Marcos, e dos demais evangelhos, a vitória dos cristãos se dava pela fé em Jesus Cristo, aquele que se entregou e venceu a morte, ensinando a amar o próximo e partilhar tudo, segundo a lei do reino de Deus. Ao dominar o mar, Jesus dava esperança a milhares de pessoas diante do reino da morte. Assim aqui como lá, a fé neste Jesus da vida nos permite viver em meio à esperança de superação das desigualdades, da violência e da opressão de uns sobre os outros. A mensagem está posta: nenhuma força opressora subsistirá para sempre, porque Jesus é mais forte que todas elas.

Bibliografia

DELORME, J. *Leitura do Evangelho segundo Marcos*. Cadernos Bíblicos 11. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

KIM, Seyoon. *Christ and Caesar*. The Gospel and the Roman Empire in the Writings of Luke and Paul. Michigan, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2008.

HORSLEY, Richard A. *Jesus e o império*. O reino de Deus e a nova desordem mundial. São Paulo: Paulus, 2004.

MYERS, Ched. *O Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de Marcos. Estar ou não com Jesus*. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2004.

STANTON, Graham N. *Jesus and Gospel*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo*. São Leopoldo: Editora Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.

VV.AA. Jesus e as tradições de Israel. *Estudos Bíblicos*, n. 99. Petrópolis: Vozes, 2008.

Marcelo da Silva Carneiro
Rua Mendes Tavares, n. 93 – Ap. 102
Vila Isabel
20560-050 Rio de Janeiro, RJ
E-mail: prmscarneiro@yahoo.com.br